

LA FEMME ET LE PANTIN/ 1959

A Mulher e o Fantoche

Um filme de Julien Duvivier

Realização: Julien Duvivier/ *Argumento:* Marcel Achard, Jean Aurenche, Julien Duvivier, Albert Valentin, segundo o romance de Pierre Louÿs/ *Fotografia:* Roger Hubert/ *Direcção Artística e Figurinos:* Georges Wakhévitch/ *Montagem:* Jacqueline Sadoul/ *Música:* José Rocca, Jean Wiener/ *Intérpretes:* Brigitte Bardot (Eva Marchand), António Vilar (Don Matteo Diaz), Lila Kedrova (Manuela), Daniel Ivernel (Berthier), Dário Moreno (Arbadajian), Michel Roux (Albert), Jacques Mauclair (Stanislas Marchand), Jess Hahn (Sidney), Espanita Cortez (Maria Teresa), Claude Godard (Mercedes), Rivers Cadet (homem no carro), Germaine Michel (mulher no carro), Dominique Zlati (um marinheiro).

Produção: Christine Gouze-Rénal/ *Cópia:* Digital, colorida, versão original legendada eletronicamente em português/ *Duração:* 102 minutos/ *Estreia Mundial:* Suécia: 4 de Fevereiro de 1959; *Estreia em França:* Paris, em 13 de Fevereiro de 1959/ *Estreia em Portugal:* cinema S. Jorge, em 26 de Março de 1960.

La Femme et le Pantin é um título bem conhecido do público. No que se refere ao livro escrito em 1908 por Pierre Louÿs, hoje em dia, aliás, talvez seja apenas o título que se conheça, o que, a bem dizer, releva de uma certa injustiça. No que se refere ao cinema já o conhecimento (mas entre cinéfilos) será bem maior graças às várias adaptações a que o romance deu origem. Oficialmente são quatro as versões cinematográficas do romance de Louÿs, a que se juntam duas para a televisão, feitas respectivamente em 1990 e 2007. Os filmes feitos a partir do romance foram **La Femme et le Pantin**, de Jacques de Baroncelli (1928) que descobrimos aqui na Cinemateca em 1994 entre outros «Tesouros da Cinemateca Francesa», **The Devil Is a Woman/O Diabo É Uma Mulher**, de Joseph von Sternberg (1935), **La Femme et le Pantin**, de Julien Duvivier e **Cet Obscur Object du Désir/Esse Obscuro Objecto do Desejo**, de Luís Buñuel (1977). A estas versões pode-se ainda acrescentar uma não oficial, feita no México em 1950 por Tito Davison com Maria Félix fazendo uma fabulosa versão azteca da Concha Perez original, em **Doña Diabla/A Culpa dos Homens**. Temos pois, duas indiscutíveis obras-primas, os filmes de Sternberg e Buñuel, e, para além da curiosidade melodramática mexicana, duas versões que se aproximam entre si nalguns pormenores, embora diferentes em qualidade: o ainda interessante trabalho pioneiro de Baroncelli, e o indiscutivelmente medíocre filme de Duvivier que exibimos nesta sessão.

O que têm ainda em comum os filmes de Baroncelli e Duvivier?. Ambos limitam-se a aproveitar a vedeta feminina que têm entre mãos (!!!): respectivamente Conchita Montenegro e Brigitte Bardot. Como sublinhei na «folha» do primeiro, aquando da sua passagem, o filme «é, quase exclusivamente, um filme de Conchita, com a câmara sublinhando a todo o momento o seu riso e a sua sensualidade». O mesmo se poderia dizer em relação a Duvivier e Bardot, com a agravante do realizador nem sequer saber tirar proveito (lá estou eu com termos «ambíguos» outra vez!!!) da figura da vedeta. Como destacou Louis Marcorelles nos «Cahiers du Cinéma» (numa crítica

negativa, mas que está longe de o ser tanto como a esmagadora maioria que então se escreveram, de onde se pode destacar a opinião de David Robinson, no «Financial Times»: «um dos filmes mais vulgares que se pode encontrar fora do mercado negro pornográfico»), «não é um filme de Duvivier, mas um filme de Bardot por Duvivier», ou, muito mais sugestivamente, Eugene Archer no «New York Times»: «a principal contribuição de Duvivier consiste em manter escrupulosamente focada a anatomia da estrela». O que mais espanta deste desastre completo de Duvivier (aliás reconhecido pelo próprio director), que foi o seu primeiro filme a cores e Scope, é que o cineasta revelou mais de uma vez, um notável sentido para criar uma «atmosfera» (recordem-se, por exemplo, os clássicos **Pepé le Moko** ou **La Bandera**, ou mesmo um filme que é posterior a **La Femme et le Pantin** e, portanto, dentro do que se convencionou chamar como a fase de decadência do realizador, o muito curioso **La Chambre Ardente/O Caso da Câmara Ardente**. Tal sentido falha completamente em **La Femme et le Pantin** e, contudo, não faltavam cenas propícias a essa atmosfera, como as de flamenco no bar de Dário Moreno, e, em especial, a cena da sala dos espelhos, com a dança de uma Brigitte desnudada para um grupo de turistas americanos (cena essa que ficou reduzidíssima aquando da estreia do filme entre nós, graças ao olhar «expert» dos serviços de censura!). Aqui não falta apenas atmosfera, falta um resquício de imaginação para tirar proveito dos múltiplos ângulos que os vários espelhos mostram, e que aqui se limitam a mostrar (valha-nos isso!) o rabo da BB.

O mais grave, porém, até nem é o que acabámos de apontar, nem a prestação do elenco, onde António Vilar é um muito improvável e pouco convincente Matteo Diaz. O mais grave são os atropelos porque passa a história original, que passa de um estudo de sujeição/submissão sado-masoquista, para uma banal história de rapariga caprichosa seduzindo um ricaço. Pelo menos é o que sugere o final que, ao contrário das restantes versões procura assemelhar-se a um «happy-end». É esta opção que implica outra alteração de fundo em relação às outras versões e que é a forma como a história é contada. O que era contado em forma de «flash-back» (a partir da conversa de Don Matteo com um amigo que parece atraído por uma formosa mulher, contando-lhe aquilo por que ele passou dominado por ela), torna-se numa narrativa linear. Só quem conhece a história original ou os outros filmes, é que poderá suspeitar de que o tal «happy-end» talvez não seja tão «happy» como pretende, mas para que esta perspectiva funcionasse teria sido necessária outra intérprete, que não a Bardot, que mais do que uma predadora parece uma vulgar Lolita. É o famoso ícone feminino francês (que serviu de modelo ao busto da «Marianne» na época) que praticamente domina todo o filme. **La Femme et le Pantin** foi feito à sua glória (mas não brilhou nada), e para isso, procederam-se a várias alterações a começar pela nacionalidade da heroína que da espanhola Concha se tornou a francesa Eva Marchand. Se a mudança é interessante pelas derivas que origina, como o facto de ela ser filha de um escritor francês, antigo colaborador durante a Ocupação nazi da França, forçado a refugiar-se na Espanha franquista após a Libertação (mas a ideia parece ter sido de Luis Buñuel que previra a sua adaptação em meados da década de 50, que, como se sabe, só viria a concretizar-se em 1977), o que mais importaria aqui acaba por ser omitido ou esquecido, para poder destacar a figura de Eva e as suas aventuras com Don Matteo. Talvez tudo tenha ficado perdido quando começaram a falhar os primeiro «convidados» para o filme. A própria BB queria ser dirigida por um dos seis realizadores que se seguem, Henri Verneuil, Luchino Visconti, Jacques Becker, David Lean, Alberto Lattuada ou Roger Vadim, o que é uma boa e confusa salada (isso de misturar Verneuil com Visconti ou Becker com Vadim!). No campo dos intérpretes para a figura de Don Matteo as opções eram grandes, começando pelo marido da produtora, o actor Roger Hanin (o conhecido intérprete da série do «Gorila, Agente Secreto»), tendo sido também contactados Tyrone Power e Fernando Lamas, que recusaram. Duvivier pensava em Anthony Quinn, mas quis a (pouca) sorte que lhe saísse na rifa o galã português António Vilar que dá a sua ajuda possível para o naufrágio geral.

Manuel Cintra Ferreira